

TRADUZIR CESÁRIO VERDE - CESÁRIO VERDE INTRADUZÍVEL

Pedro Martins
Universidade de Siena
Itália
pscmartins@gmail.com

Abstract

It is main goal of this article to stimulate the debate and reflection on Translation Studies.

Based on Cesário Verde's poem *O Sentimento dum Ocidental* (1880) we will discuss the effectiveness and applicability of poetry translation.

Since the beginning of the XX century Cesário Verde and his work have been studied on an international range. We may therefore make reference to outnumbered translations of his poems in English, French, German, Italian, and Czech.

Poetry translation raises however several difficulties which may affect the comprehension, interpretation and analysis not only of this author but also of his texts. In this manner we will naturally confront as well some of the most relevant items for Translation Studies, namely: Translation purposes and criteria; Translation necessity, possibility and usefulness.

We invite you thus to observe the rich and complex Poetry-Translation relation within the analysis of one Cesário's poem in Italian, English, German and French.

Resumo

O presente artigo tem como principal objectivo suscitar o debate e a reflexão em torno da questão da tradução, sua teoria e prática.

A partir de *O Sentimento dum Ocidental* (Cesário Verde, 1880), discutiremos a eficácia e exequibilidade da tradução aplicada à Poesia enquanto género literário.

Desde os inícios do Século XX, Cesário Verde e respectiva obra têm sido alvo de estudo e reconhecimento internacionais, tendo surgido, por isso, inúmeras traduções dos seus poemas em Francês, Inglês, Italiano, Alemão, Catalão, Checo e demais línguas.

O acto de traduzir Poesia comporta, porém, várias dificuldades que podem influenciar determinantemente a compreensão, interpretação e estudo, não só do autor mas também dos seus textos. Assim, e recorrendo ao legado poético de Cesário Verde e respectivas traduções em Italiano, Inglês, Alemão e Francês, propomo-nos examinar diferentes assuntos caracterizadores da conturbada relação Texto-Tradução, exemplificativamente:

- Propósito da tradução;
- Critérios a aplicar quando se traduz;
- Principais problemas afrontados antes, durante e após a tradução;
- Necessidade, possibilidade e utilidade da tradução.

Estas e questões afins constituem, deste modo, a base para uma discussão muitas vezes negligenciada, mas fundamental cada vez que se aborda, a nível internacional e comparado, a divulgação de um autor e da sua obra.

Keywords: Translation, Poetry, Cesário Verde

Palavras-chave: Tradução, Poesia, Cesário Verde

Da Tradução

Traduzir, *lato sensu*, compreende uma variedade muito ampla de termos e consequentes significados que não nos permitem uma definição simples e única daquele conceito ¹.

Friedmar Apel ², por exemplo, admite, pelo menos, cinco possíveis significações para aquele termo: desde a exteriorização através de um qualquer signo que conduza à transmissão da mensagem, passando pela transformação resultante do processo de transcrição e/ou transliteração, até à ideia de reprodução das expressões de uma “língua natural” numa outra “língua natural”³.

Não obstante o acto de traduzir se verifique desde que a Humanidade procurou expressar-se, é-nos, frequentemente, apresentado o mito bíblico da Torre de Babel, tal como previsto nos textos sagrados da *Génese*, como o momento no qual a linguagem dos Homens se desagrega separando-os⁴.

Traduzir (n)outras línguas tornou-se, deste modo, a única acção, o único método, capaz de permitir aos povos o seu recíproco entendimento.

Esta afirmação levanta, porém, a questão do tipo de tradução a realizar: uma que, de certa forma, aproxime o receptor ao texto ou uma outra, que aproxime o

¹ Umberto Eco procura, inicialmente, uma explicação unívoca da questão – traduzir significa dizer a mesma coisa numa outra língua – para, de seguida, ampliar aquela ideia e assim afirmar que se trata de dizer *quase* a mesma coisa, concluindo, por fim, que traduzir significa compreender o sistema interno de uma língua, bem como a estrutura de um determinado texto com vista à construção de um duplo do sistema textual que, de uma forma discreta, possa produzir efeitos análogos no leitor, quer do ponto de vista semântico e sintáctico, quer do ponto de vista estilístico, métrico, fono-simbólico e passional. Eco, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa*. Milano: Bompiani, 2004.

² Apel, Friedmar. *Literarische Übersetzung*. Stuttgart: Metzler, 1983.

³ Johann Wolfgang Goethe, nas suas *Noten un Abhandlungen zu besserem Verständnis des Westöstlichen Divans*, havia já apelado para a necessidade de equivalência entre os enunciados a fim de que a tradução não fosse um substituto menor do texto original, mas sim um seu representante paritário. Nergaard, Siri (Ed.). “Note e saggi sul Divan Orientale-Occidentale”. *La teoria della traduzione nella storia*. Milano: Bompiani, 2002, pp. 121-124).

⁴ Sobre a etimologia da palavra Babel e consequentes considerações, observe-se o pensamento de Schelling apresentado por Ortega y Gasset. Ortega y Gasset. “Babele, balbettare, barbaro”. *Miseria e splendore della traduzione*. Genova: Il nuovo melangolo, 2001, pp. 84-87);

Consulte-se ainda Nergaard, Siri (Ed.). “Des tours de Babel”. *Teorie contemporanee della traduzione*. Milano: Bompiani, 2002.

texto ao seu receptor⁵.

Para justificar a primeira abordagem, Ortega y Gasset⁶ afirma que só o bom tradutor utopista, consciente das suas limitações, mas determinado a libertar os Homens da distância imposta pelas línguas, procura aproximar o receptor ao texto original, de modo a que aquele se confronte com a linguagem diferente, estranha e “estrangeira” deste último, isto é, só quando arrancamos o leitor dos seus hábitos linguísticos e o obrigamos a movimentar-se dentro daqueles que são os do autor podemos falar de tradução – Esplendor da Tradução.

No segundo caso, para o filósofo e ensaísta espanhol, o mau tradutor utopista, convencido de que a tradução de todo e qualquer tipo de texto é desejável (e logo possível), não executa a sua verdadeira função, pois cria antes uma paráfrase, uma adaptação do texto original, da qual resulta um evidente empobrecimento – Miséria da Tradução.

Independentemente dos casos (ou das vias) pelos quais o tradutor opte para executar a sua tarefa, um dado une muitos dos estudiosos da tradução, a saber, traduzir é praticamente uma utopia. Trata-se, assim, de uma acção cuja intenção inicial não pode ser totalmente concretizada no decorrer do seu exercício, e que conduz a uma, mesmo que mínima, sensação de insatisfação, antes, durante e/ou após a sua realização.

O resultado final, embora por vezes possa ser excepcional, nunca será perfeito nem comparável ao original. Antoine Berman cita na sua obra *La Traduction et la Lettre ou l'Auberge du Lointain*⁷ uma metáfora de Cervantes que reflecte exactamente este aspecto; o autor de *D. Quixote de La Mancha* constata que, perante uma tradução, ocorre aquilo que se verifica quando observamos, do avesso, as

⁵ Já no início do século XIX, Schleiermacher descreve as duas vias que um tradutor pode seguir para aproximar escritor e leitor, num texto dotado de forma e conteúdo: ou o tradutor deixa, o mais possível, em paz o escritor e faz com que o leitor se avizinha ao texto ou deixa, o mais possível, em paz o leitor e avizinha o escritor e o seu texto. Nergaard, Siri (Ed.). “Sui diversi metodi del tradurre”. *La teoria della traduzione nella storia*. Milano: Bompiani, 2002, pp. 143-179.

⁶ Ortega y Gasset. “Miseria e splendore della traduzione”. *Miseria e splendore della traduzione*. Genova: Il nuovo melangolo, 2001, pp. 27-54.

⁷ Berman, Antoine. *La traduzione e la lettera o l'abergo nella lontananza*. Macerata: Quodlibet, 2003.

tapeçarias da Flandres: apesar de se verem as figuras, essas encontram-se cobertas de fios que as ensombram e que nos impedem de as admirar em toda a sua magnificência.

Não se pretende com esta última afirmação, contudo, anular todo o discurso precedente, nem sequer apelar a argumentos contra a tradução⁸. Aliás, num mundo onde ninguém domina todas as línguas, urge reafirmar a necessidade da tradução, como acção, como resultado, para a compreensão entre os Homens.

De *O Sentimento dum Ocidental*

A nossa escolha para ilustrar a problemática da tradução na obra de Cesário Verde não foi acidental.

Resulta, em primeiro lugar, do facto de, neste poema, estarem reunidos muitos dos referenciais temáticos e estruturantes da sua poesia (entre outros, o binómio cidade-campo, a evocação da memória, o carácter pictórico e sensitivo da sua escrita) concorrendo assim para a divulgação do poeta em toda a sua amplitude.

Embora Cesário Verde tivesse lamentado, como disso testemunha a missiva que então endereçou a António de Macedo Papança, Conde de Monsaraz, a falta de consideração e interesse por parte de quase toda a comunidade perante a publicação, em 1880, da sua mais recente composição poética, *O Sentimento dum Ocidental* tornou-se, mais tarde, um símbolo de todo o seu legado⁹.

Resulta, em segundo lugar, da existência de traduções recentes e publicadas nas quatro línguas-alvo da nossa análise: Italiano, Inglês, Alemão e Francês.

Fruto da impossibilidade natural de, neste contexto, proceder a uma

⁸ Argumentos polémicos, históricos e teóricos sobre a objecção à prática da tradução são expostos, entre outros, na obra de Jean-René Ladmiral. Ladmiral, Jean-René. *Traduzir: Teoremas para a Tradução*. Lisboa: Europa-América, 1979.

⁹ (Cesário Verde - 29.08.1880) - “Uma poesia minha, recente, publicada numa folha bem impressa, limpa, comemorativa de Camões, não obteve um olhar, um sorriso, um desdém, uma observação! Ninguém escreveu, ninguém falou, nem num noticiário, nem numa conversa comigo; ninguém disse bem, ninguém disse mal!”. Serrão, Joel. *Obra Completa de Cesário Verde*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983, p. 218.

(re)interpretação daquele poema na sua totalidade, optámos por seleccionar as suas três primeiras estrofes, de modo a melhor consubstanciar o tema que intitula este artigo.

O Sentimento dum Ocidental

A Guerra Junqueiro

I

Ave-Maria

*Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.*

*O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se de uma cor monótona e londrina.*

*Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!*

*In O Livro de Cesário Verde, 1887 (ortografia
actualizada, n.A.)*

Tradução Italiana ¹⁰Tradução Inglesa ¹¹*Il Sentimento di un Occidentale*

A Guerra Junqueiro

I

Aveemmaria

Nelle nostre strade all'imbrunire,
C'è tale tristezza, c'è tale malinconia,
Che le ombre, il brusio, il Tejo, l'odore del
mare
Destano in me un desiderio assurdo di
soffrire.

Il cielo sembra basso e nebbioso,
Il gas fuoriuscito mi nausea, disturba ;
E gli edifici, con i camini, e la folla,
Si coprono di un colore monotono e
londinese.

Risuonano le carrozze a noleggio, in
fondo,
Portando alla ferrovia quelli che se ne vanno.
Felici!
Mi si presentano in rivista esposizioni, paesi:
Madrid, Parigi, Berlino, S. Pietroburgo, il
mondo!

On Being a Westerner

I

Angelus

Here in our streets as dark comes over
Such spleen descends, such melancholy
swells
That night and noise, the Tagus, the sea-
smells
Waken in me a senseless wish to suffer.

The sky feels all mist, crouching low
And I am sickened, churned by hissing gas;
The buildings, chimneys and the human
mass
Are shrouded in a dull, a London hue.

Cabs jam together as they bear
Citizens to their trains – they are well rid!
I recall exhibitions, lands – Madrid,
Paris, Berlin St Petersburg, elsewhere!

¹⁰ Ceccucci, Piero. *Poesie*. Perugia: Umbria Editrice, 1982.

¹¹ Macedo, Helder et al. *Portuguese Studies*. London: Modern Humanities Research Association, 1986.

Tradução Alemã ¹²Tradução Francesa ¹³*Le sentiment d'un occidental*

I

Angelusläuten

L'ANGELUS

In unseren Straßen, bei Einbruch der Nacht,
herrscht große Traurigkeit, große Melancholie:
Die Schatten, das Gedräng, der Tejo und der Tanageruch
bewirken in mir den verrückten Wunsch, zu leiden.

Der Himmel scheint zu drücken, voller Dunst;
vom Duft der Gaslaternen wird mir schlecht;
Die Schornstein-Häuser und die Menschenmenge
sind grau eintönig eingefärbt so wie in London.

Mietkutschen klappern dort am Straßenende
und bringen Reisende zum Bahnhof. Diese Glücklichen!
Mir fallen Gallerien ein, und Länder:
Madrid, Paris, Berlin, Sankt Petersburg, die Welt!

Dans les rues de ma ville, à la tombée du soir,
Il y a tant de taciturnité, tant de mélancolie,
Que les ombres, les bruits, le Tage, l'odeur de la marée
Eveillent en moi un désir absurde de souffrir.

Le ciel semble bas et fait de brume,
Le gaz extravasé m'écoeure et me trouble;
Et les immeubles, avec leurs cheminées, la foule,
Se voilent d'une couleur londonienne et monotone.

Les fiacres battent le pavé au fond,
Menant à la voie ferrée ceux qui s'en vont.
Heureux!
Dans ma pensée défilent des expositions, des pays:
Madrid, Paris, Berlin, Saint-Petersbourg, le monde!

Após uma leitura atenta, constatamos que, de facto, traduzir conduz, nas diversas concretizações das três vertentes clássicas essenciais para a interpretação de um texto poético – Realização (fonética e gráfica), Forma (gramatical e lexical) e Campo Semântico ¹⁴ –, a modificações, mais ou menos substanciais, do texto

¹² Mesquita-Sternal, Maria de Fátima, Sternal, Michael. *Poemas Portugueses – Portugiesische Gedichte*. München: DTV, 1997.

¹³ Breyner, Sophia de Mello. *Quatre poètes portugais*, Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

¹⁴ Leech, Geoffrey. *A Linguistic Guide to English Poetry*. London: Longmans, 1969.

original.

Verificamos, por exemplo, que a tradução poética dificilmente é capaz de manter a rima, o esquema rimático, a métrica do texto original; é uma consequência praticamente incontornável em trabalhos deste género. Porém, quando tal não acontece, obtém-se, normalmente, uma perda na correspondência semântica textual: trata-se da eterna dicotomia sobre a valorização (ou não) da forma em detrimento do conteúdo. Observe-se, então, a tradução inglesa, a qual, fruto de uma tentativa exacerbada de manter a rima presente na composição poética original, descurou, por vezes, o conteúdo do poema de Cesário Verde.

Se atentarmos, agora, no respeito pela apresentação gráfica do poema, questão aparentemente consensual entre os tradutores, pode observar-se que todas as versões estrangeiras espelham, a nível da realização gráfica, as quadras de Cesário Verde. Poderá este parágrafo parecer algo despropositado, mas a nossa experiência recorda diversas situações nas quais nos deparámos com verdadeiras alterações da estrutura formal externa de um poema – quadras que se transformavam em conjuntos de dois dísticos, sonetos que deixavam de o ser, *et cetera et cetera*.

Do ponto de vista sintáctico e lexical, é evidente a facilidade, para as línguas italiana e francesa (de derivação latina), em reproduzir a estrutura gramatical do texto original, sendo que as exceções presentes, exemplificativamente, na tradução francesa (alteração sintáctica de *londonienne* e de *monotone*, versos 8 e 9) resultam de uma simples escolha pessoal (não necessária nem obrigatória). Em Inglês, mas sobretudo em Alemão, por razões intrínsecas à sintaxe das próprias línguas, a sequência dos elementos da frase não é, nem poderia ser, semelhante àquela presente no poema de Cesário Verde. Numa tentativa de, neste contexto, aproximar um e outro enunciados, a frase de tipo consecutiva presente na primeira estrofe de *O Sentimento dum Ocidental*, na versão alemã, parece ter sido propositadamente transformada de modo a evitar o posicionamento do verbo *despertar/bewirken* no final do quarto verso, o que implicaria uma ligeira desvalorização ou desconsideração do mesmo; preferiu-se, assim, uma construção

simples marcada pelos dois pontos (:) no final do segundo verso.

A nível do campo semântico, deparamo-nos com particularidades muito específicas que, no âmbito da tradução poética, assumem um valor extraordinário; não obstante todos os instrumentos de trabalho disponíveis, fazer corresponder dois significantes ou, melhor ainda, dois significados será sempre uma das mais árduas tarefas para um tradutor.

Eis porque *tristezza*, *spleen*, *Traurigkeit*, *taciturnité*, dificilmente equivalem à “soturnidade” expressa por Cesário Verde no segundo verso do seu poema. O termo utilizado pelo poeta, aparentemente intraduzível, parece, ao contrário das propostas italiana, inglesa, alemã e francesa, abranger algo mais do que apenas um sentimento, pois também evoca a atmosfera sombria, silenciosa, lúgubre, abafada, das ruas de Lisboa, isto é, não só reflecte o mundo sensitivo do poeta, como também, e simultaneamente, apela ao mundo sensitivo do receptor do texto, conhecedor da capital portuguesa¹⁵.

Do mesmo modo, também a metonímia presente no décimo verso (*Levando à via-férrea os que se vão*) não apresenta uma solução fácil ou evidente, e possivelmente só as versões neo-latinas a traduziram verdadeiramente; *Trains* ou *Bahnhof* pertencem, sem dúvida, ao mesmo campo semântico, mas explicitam demasiado a expressão querida pelo poeta, contribuindo, assim, para o desaparecimento daquele recurso estilístico.

Mais e diferentes aspectos poderiam ainda ser considerados, mas os modestos objectivos desta nossa análise não contemplam a exaustão de todas as hipóteses.

Tal como referido no início desta exposição, pretendíamos apenas realçar algumas das questões mais pertinentes sobre este tema de modo a estimular a

¹⁵ Reforça esta ideia da dificuldade em interpretar da mesma forma o texto original e o texto traduzido o uso do adjectivo *londrina* (v. oitavo), já que este assume, aqui em especial, uma significativa carga negativa para o Poeta. Nas palavras de Helder Macedo “a cor ‘londrina’ de Lisboa relaciona assim, sugestivamente, ‘as nossas ruas’ à cidade monstruosa que se tinha tornado, na literatura do século XIX, num símbolo do desespero, da miséria e da opressão da cidade industrial.” Macedo, Helder. *Nós, Uma Leitura de Cesário Verde*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1976, p. 171.

reflexão sobre a arte de traduzir poesia.

Podemos, todavia, deste modo, concluir que Cesário Verde, em Português ou em qualquer outra língua, continua vivo, presente e passível de ser (re)explorado.

Bibliografia

Apel, Friedmar. *Literarische Übersetzung*. Stuttgart: Metzler, 1983.

Berman, Antoine. *La traduzione e la lettera o l'abergo nella lontananza*. Macerata: Quodlibet, 2003.

Breyner, Sophia de Mello. *Quatre poètes portugais*, Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

Ceccucci, Piero. *Poesie*. Perugia: Umbria Editrice, 1982.

Eco, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa*. Milano: Bompiani, 2004.

Ladmiral, Jean-René. *Traduzir: Teoremas para a Tradução*. Lisboa: Europa-América, 1979.

Leech, Geoffrey. *A Linguistic Guide to English Poetry*. London: Longmans, 1969.

Macedo, Helder. *Nós, Uma Leitura de Cesário Verde*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1976.

Macedo, Helder *et al.* *Portuguese Studies*. London: Modern Humanities Research Association, 1986.

Mesquita-Sternal, Maria de Fátima, Sternal, Michael. *Poemas Portugueses – Portugiesische Gedichte*. München: DTV, 1997.

Nergaard, Siri (Ed.).

a. “Note e saggi sul Divan Orientale-Occidentale“. *La teoria della traduzione nella storia*. Milano: Bompiani, 2002.

b. “Sui diversi metodi del tradurre“. *La teoria della traduzione nella storia*. Milano: Bompiani, 2002.

Nergaard, Siri (Ed.). "Des tours de Babel". *Teorie contemporanee della traduzione*. Milano: Bompiani, 2002.

Ortega y Gasset.

a. "Babele, balbettare, barbaro". *Miseria e splendore della traduzione*. Genova: Il nuovo melangolo, 2001.

b. "Miseria e splendore della traduzione". *Miseria e splendore della traduzione*. Genova: Il nuovo melangolo, 2001.

Serrão, Joel. *Obra Completa de Cesário Verde*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.